

Resenhas

PROJETO

SESA

On-line

SUMÁRIO

EDITORIAL

| RESENHAS

ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE O OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA 6
Bárbara Carvalho Diniz

DIÁLOGO SOBRE TRABALHOS ACADÊMICOS: Como o Profissional Bibliotecário Pode Ajudar..... 10
Márcia Pereira Gomes Silva

O ARQUIVO: Patrimônio Documental, Memorialístico e Cultural 13
Edinalva Clementino de Carvalho
Linduarte Pereira Rodrigues

OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Reflexões no Âmbito do Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA) 18
Vitor Hugo Teixeira Araújo

MEMÓRIA E ARQUIVOS NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS 23
Roberta Pinto Medeiros

UMA LEITURA SOBRE AS NOVAS DIREÇÕES PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO..... 28
Áquila Sartori Mesquita Rocha

OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Reflexão para o Debate no Contexto do Projeto Sesa On-Line 32
Wallace Dantas
Eliete Correia dos Santos

SABERES SOBRE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO 37
Tessália Régia Dantas de Araújo

CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Diálogos Necessários no Projeto Sesa On-Line..... 41
Josenilda Santos Luiz

| WORKSHOP

WORKSHOP NOÇÕES DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS EM PAPEL 45
Maria Meriane Vieira Rocha
Adelaide Helena Targino Casimiro

A COOPERAÇÃO ACADÊMICA EM TEMPO DE PANDEMIA: ações efetivas do Projeto SESA On-Line

Convênios e aditivos entre Universidades brasileiras e portuguesas são milhares jazem nos arquivos institucionais como prova de uma intenção natural e generosa. O problema é que a cooperação não é, nem pode ser a assinatura pomposa de documentos oficiais, mas o trabalho contínuo, realista, por vezes até minúsculo, mas efetivo, daqueles que acreditam na cooperação acadêmica a valer. Na UEPB, e em concreto no Departamento relacionado com a Documentação e Informação a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, através de seu Departamento de Ciências da Comunicação e Informação, tem encontrado parceiros/as, como a Professora Eliete Correia dos Santos, empenhados(as) na realização de iniciativas que permaneçam e impactem nas comunidades discente e docente de ambas as Escolas. Pela nossa parte a vontade é prosseguir e ampliar os resultados. Bem hajam!

(MALHEIRO, 2017, p. 5)¹

O Projeto Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA) tem como objetivo geral estabelecer a cooperação acadêmica de relações internacionais, via plataformas digitais e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), no campo da investigação na área de Ciência da Informação e da Arquivologia, bem como o registro e acesso a informações e conhecimento científico na internet e redes sociais.

A interação, em época de pandemia da Covid-19, produz uma redefinição histórica das relações de produção, de poder e de experiência (individual e social) que RESSIGNIFICA uma nova sociedade em processo de mudança contínua; por isso, a rede SESA resolveu desenvolver seus objetivos com uma prática que a denominamos de SESA On-Line.

A ideia do “SESA On-line”, aberto e gratuito, consiste na realização de workshops com conteúdos diversos, tais como: palestras, mesas-redondas e entrevistas relacionadas às temáticas de Literacia, Tecnologia e Fazeres e Saberes em Arquivologia e Ciência da Informação a partir da propositura de pesquisadores parceiros da rede. A perspectiva é que qualquer instituição do Brasil ou do exterior que queira apresentar um trabalho ou fazer um evento com uma temática de interesse

¹SANTOS, Eliete Correia dos; SILVA, Alzira Karla Araújo da; CARVALHO, Ediane Toscano Galdino de (org.). **Arquivologia: história, tipologias e práticas profissionais**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

do comitê da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Comunicação e Informação.

Também é uma proposta de encontrar Arquivistas, pesquisadores da Ciência da Informação, estudantes e associações em um único espaço, oportunizando dar voz a qualquer instituição que deseje intercambiar conhecimento e experiências.

Para fortalecer ainda mais a nossa rede de cooperação acadêmica, o SESA tornou pública todas as gravações das palestras e workshops ao vivo, pelo canal do Youtube do Projeto SESA e divulgadas por suas redes sociais. Na ocasião, palestrantes e participantes receberam o convite de se fazer uma resenha sobre esses eventos e seriam publicadas em número especial da **Revista Archeion Online**, divulgando as vozes de quem leu os textos ou de quem participou como palestrante ou mediador.

Vale destacar que é uma proposta pioneira de se fazer um número só de resenhas e abre para discussão o olhar de quem assiste, lê o texto como uma perspectiva de linguagem sócio-ideológica, cuja unidade fundamental é o diálogo. Destarte, ninguém fala sozinho; quando falamos ou escrevemos é para alguém, em alguma circunstância social, assim, é que a palavra serve de ponte entre o locutor e o interlocutor no ato interativo. Em período de tantas *lives*, as resenhas são oportunidades de registro de memória cujos sentidos são plurivalentes e polissêmicos no processo comunicativo entre indivíduos socialmente organizados.

Neste número especial 'Projeto SESA On-line', tivemos palestras e workshops. Assim, há três resenhas que contemplam a palestra intitulada O Objeto Científico da Arquivologia: reflexões para o debate, por Profa. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob mediação da Profa. Eliete Correia dos Santos (UEPB) na qual se percebe olhares que se complementam e conversam entre si.

A palestra aconteceu em comemoração do Dia do Arquivista no Seminário de pesquisa e Trabalho de Conclusão de Cursos realizado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que buscou fazer uma reflexão e estimular o debate em torno do objeto científico da Arquivologia, com vistas à proposição de que há diferentes definições no âmbito de sua comunidade científica, ou ainda, de seu campo científico, além de investigar a configuração e consequências destas diferenças no campo científico brasileiro.

Sobre este mesmo evento, outra resenha ressalta a importância da palestra Diálogos sobre trabalhos acadêmicos, ministrada pela bibliotecária Liliane Braga Holanda (UEPB) e mediada pelo Prof. Ramsés Nunes e Silva (UEPB), trazendo a tecnologia como agregador e facilitador das normas da Associação Brasileira de Normas Técnica (ABNT).

Outra resenha trata do Arquivo como patrimônio documental, memorialístico e cultural ressalta a importância da memória como forma representativa de ações e acontecimentos do passado, discute o entendimento de patrimônio arquivístico em seus contextos sociais, históricos e culturais brasileiros. Evocará a memória e sua gestão em âmbitos arquivísticos e as políticas patrimoniais voltadas ao arquivo. Contribuirão com as discussões o Prof. Rayan Aramís Feitosa Brito (UFBA), a Prof^a. Ismaelly Batista (UFBA) e Prof^a Sandra Valéria Santana (REM-PB)², sob a mediação da Profa. Rosilene Agapito da Silva Llarena.

A resenha intitulada Memória e arquivos no contexto dos movimentos sociais, destaca o empoderamento dos arquivos e a importância de políticas públicas, destacando a representação da realidade social. A palestra apresentada pela Prof^a Roberta Pinto Medeiros (FURG) com a mediação do Prof. Ramsés Nunes e Silva da UEPB foi desenvolvida no âmbito da 5^a Semana Nacional de Arquivos, promovida pelo Arquivo Nacional do Brasil, que teve como tema o empoderamento dos arquivos.

Duas resenhas discorrem sobre a palestra: Uma leitura sobre as novas direções para a Ciência da Informação, palestra realizada pelo Prof. Dr. Thomas Mandl da Universidade de Hildesheim, Alemanha com mediação da Profa. Ana Lúcia Terra da Universidade de Coimbra. O palestrante enfatiza que a Ciência da Informação e a Arquivologia têm como objetivo a gestão de documentos, dos quais muitos contém principalmente textos. Métodos tradicionais, tais como IDF, análise de hedges e classificação formam a base para a representação de conteúdo.

Os avanços da inteligência artificial têm tido uma influência significativa na área de processamento e análise de textos, o que virá a gerar importantes mudanças nas atividades profissionais nas bibliotecas e arquivos. Essa palestra tem como objetivo apresentar as técnicas inovadoras e discutir as consequências das mesmas na tecnologia e práticas documentais. A apresentação incluirá métodos para a análise de textos como embeddings, aprendizagem de máquina e modelos generativos.

² Rede de Educadores em Museus da Paraíba

Ao que tange preservação de acervos, a edição contou com o Workshop Noções de preservação de acervos em papel, foi ministrada pelas Profas. Maria Meriane Vieira Rocha (UEPB) e Adelaide Helena Targino Casimiro (UEPB) e foi transmitido em tempo real do laboratório da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) nos dias 20 e 27 de agosto de 2021. O Objetivo do workshop foi apresentar conceitos introdutórios que norteiam uma política de preservação, conservação e restauro. Fatores de deterioração dos documentos em papel e breves práticas de conservação em papel.

Fazer este registro é fundamental para difundir a Arquivologia, a Ciência da Informação e a cooperação acadêmica em tempos que aprendemos a partilhar a ciência virtualmente. Aos usuários da revista, desejamos que desfrutem da leitura com interesse de conhecer estes e outros textos na íntegra no canal do Youtube do Projeto SESA e se sintam estimulados para os próximos números da Revista Archeion Online.

Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos

Profa. Dra. Maria Meriane Vieira Rocha

ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE O OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA

Bárbara Carvalho Diniz
Mestra em Ciência da Informação | UFPB
barbaracdiniz@outlook.com

SCHMIDT, CLARISSA MOREIRA DOS SANTOS. **Objeto científico da Arquivologia**: reflexões para o debate. In: Projeto SESA ON-LINE. 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CjIVT0RDZKU&list=PLxN9uB8ODjKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=11>. Acesso em 30 de dezembro de 2021.

“Objeto científico da Arquivologia: reflexões para o debate” foi a palestra proferida pela professora Clarissa Schmidt, no dia 22 de outubro de 2020, no canal do Youtube do Projeto Sesa (UEPB), fruto do recorte de sua tese sobre o objeto científico da Arquivologia.

Inicialmente, a palestrante aborda que antes de debater sobre qual seria o objeto científico da Arquivologia, é necessário refletir sobre o que é objeto científico. Sendo assim, sintetiza que o objeto científico é aquele que atribui identidade a um campo disciplinar. É a partir deste elemento que se torna possível conhecer, refletir e propor teorias, metodologias e debates para determinada área.

Schmidt afirma que todas as áreas que querem ser científicas precisam olhar os fenômenos do mundo real a partir do seu objeto, do seu campo de estudo, desta forma será possível interpretar os fenômenos. Acrescenta que é possível olhar um determinado fenômeno por meio de vários objetos científicos. Construir um objeto científico não é tarefa fácil, demanda tempo e uma comunidade científica disposta a construir e desconstruir conhecimentos, métodos e teorias.

Adentrando na Arquivologia, percebe-se que existe um ambiente polarizado entre duas ideias sobre seu objeto científico: “o passado e superado documento de arquivo” e “a informação arquivística ou orgânica”. Schimdt afirma que não se trata de nenhum dos dois, pois não se pode trabalhar com apenas dois lados, nem muito menos trabalhar com a unanimidade científica. Desta forma, para compreender qual

o objeto científico da Arquivologia é preciso compreender o seu processo histórico, ou seja, entender a história dos arquivos é elementar para pensar a ciência arquivística.

Revisita-se o mundo antigo, em que desde que a sociedade aprende a registrar os acontecimentos por meio da escrita, os arquivos começam a existir. Cita-se a Grécia antiga, em que os documentos tinham uso administrativo oriundos das ações governamentais. Passados grandes acontecimentos na Europa, na Idade Média, os arquivos têm uma mudança de função, pois são considerados tesouros que garantiam posses e títulos, portanto, guardados “as sete chaves”.

Com o início da Revolução Francesa, os arquivos passam a ser vistos por outra perspectiva, a exemplo do Estado ter responsabilidade sobre os seus próprios documentos; centralização dos documentos em lugares únicos; os arquivos passam a ser fonte para a memória das Nações, bem como passam a garantir direitos para os governantes. Entende-se que a Revolução Francesa é um marco para a ciência arquivística.

Porém, é apenas no século XIX que começam as primeiras formulações de princípios, normativas, métodos e manuais no que tangem aos arquivos. A palestrante é clara ao afirmar que o princípio da proveniência (origem alemã) e princípio do respeito aos fundos (francês) são princípios diferentes, que se confundem. Tais princípios arquivísticos surgem, não pela ânsia da criação de uma ciência, mas para resolver questões de organização dos documentos em seus contextos. No final do século XIX, surge o Manual dos Arquivistas Holandeses, responsável por inserir a Arquivologia no universo científico.

Ao chegar na primeira metade do século XX, a Arquivologia passa a se desenvolver amplamente na Europa, com cada país desenvolvendo manuais, métodos e teorias partindo de suas necessidades arquivísticas. Congressos passam a acontecer, surgem instituições arquivísticas e seus serviços de arquivo, surgem novos desdobramentos teóricos de conceitos e princípios como o da organicidade, da cadeia de custódia e o da autenticidade documental. Alguns autores de importantes manuais sobre a temática se destacam como é o caso de Casanova, Jenkinson e Brenneke.

Entende-se que até a metade do século XX, a partir de todo o contexto da época e das necessidades institucionais, os documentos de arquivo eram entendidos como os de caráter histórico, de natureza pública e predominantemente

em suporte de papel, ou seja, as construções teóricas arquivísticas foram feitas a partir do que se entendia sobre esses documentos.

Quando se trata da segunda metade do século XX, o protagonismo sobre a organização e formulação de teorias sobre os arquivos recai para os Estados Unidos, que durante e posteriormente a segunda guerra mundial, viu sua produção e acumulação de documentos aumentar exponencialmente, tendo que desenvolver métodos para lidar com a sua grande massa documental. A preocupação com os documentos considerados administrativos passa a dominar as discussões teóricas e práticas, nesta seara desenvolvem-se as teorias do ciclo vital (teoria das três idades) e avaliação dos documentos que são fundamentais para compreender as ideias e práticas da gestão documental.

Partindo-se desta realidade, há um alargamento do objeto de estudo, em que agora inclui-se os arquivos correntes, assim como há o progresso da tecnologia documental, com o uso de máquinas de datilografar, microfilmes, cópias, entre outras tecnologias que envolvem documentos.

Não menos importante, do final do século XX para o começo do século XXI, a Arquivologia apresenta-se como área consolidada, não só no mundo, mas no Brasil, possuindo comunidade científica, eventos e periódicos científicos que constroem e fortalecem novas teorias, técnicas e métodos científicos. Contudo, os documentos digitais trouxeram diversos questionamentos, pois com novos suportes, há novos problemas, consolidando a mudança de paradigmas.

Schmidt aborda que algumas das soluções encontradas para os problemas envolvendo as novas implicações da Arquivologia frente aos documentos digitais está no objeto científico da arquivística, que não é um consenso, pelo contrário, varia de acordo com as abordagens teóricas.

Em relação aos objetos científicos das mais diversas teorias arquivísticas, apresenta-se o Record Continuum, teoria australiana da década de 1990, que tem como objeto científico a informação gerada por processos. Outra corrente teórica citada é a da Arquivologia portuguesa, conhecida como Pós-Custodial, a qual se preocupa principalmente com o acesso à informação, e tem por objeto científico a informação social. Expõe-se também a teoria arquivística espanhola, que encara a Arquivologia como uma ciência autônoma, tem por objeto científico o arquivo, enquanto conjunto de documentos de arquivo.

É no Canadá que se encontram diversas teorias arquivísticas, que surgem no fim da década de 1980, começando pela teoria da arquivística integrada, em que o objeto científico desta corrente é a chamada informação orgânica registrada. Ainda referente ao Canadá, aborda-se a teoria da Diplomática Arquivística ou Contemporânea, afirmando que o objeto científico da Arquivologia é o documento de arquivo. Por fim, a teoria canadense da Arquivística Funcional, ou pós-moderna, acredita que a informação gerada pelos processos administrativos – *Process-Bound Information*, com vista a recuperar o contexto do documento - é o objeto científico da disciplina científica arquivística.

Visto a dimensão de entendimentos sobre o objeto científico da arquivística, Schmdit salienta que essas diferentes concepções são frutos de contextos históricos e epistemológicos resultantes das evoluções e mudanças da produção documental, da natureza dos registros e do uso de informações e documentos.

Em suma, a palestrante finaliza seu pensamento afirmando que a Arquivologia não deve buscar unanimidade no pensamento, mas que mesmo com tantas teorias e objetos científicos diferentes, as teorias não podem perder de vista a autenticidade e contexto da produção documental, o registro e resultado das ações dos documentos, bem como a capacidade probatória oferecida pelos documentos arquivísticos.

DIÁLOGO SOBRE TRABALHOS ACADÊMICOS: Como o Profissional Bibliotecário Pode Ajudar

Márcia Pereira Gomes Silva
Mestranda | UFCG
marcia.pereira@estudante.ufcg.edu.br

SOUZA, Liliane Braga Rolim Holanda. **Diálogo sobre Trabalhos Acadêmicos:** Como o profissional Bibliotecário pode ajudar. *In:* Projeto SESA ON-LINE. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IfAKHPkgBGo&list=PLxN9uB8ODjKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=20>. Acesso em 21 Dez. 2021.

Diariamente são desenvolvidas novas tecnologias, novas aplicações, novos métodos, novas formas de lidar com as coisas e as pessoas por meio de inúmeros recursos inovadores e transformadores. Por isso também é importante compreender quais são as implicações e impactos que elas reservam para o universo da Biblioteconomia e para as/os Profissionais da Informação, num todo.

Conhecer a história da evolução das tecnologias e as suas inserções nas Bibliotecas é um modo de ampliar a visão tanto sobre as funções sociais da Biblioteca, como problematizar e refletir sobre a sua essência, sua eficiência e sua eficácia. Além disso, é uma forma de ampliar a sua visão de mundo, das relações entre pessoas e instituições/equipamentos sociais, como das projeções futuras para a profissão, e muito mais.

Por consequência, a rede SESA On-line poderá funcionar como mais uma forma de compreender a amplitude das possibilidades em atuar como disseminadora da Informação neste mercado cada vez mais competitivo e acelerado, sobretudo pela reconfiguração que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação têm promovido, principalmente após o início do período de Pandemia Mundial do Coronavírus (Covid-19), que obrigou os povos de todo o mundo a mudarem hábitos e rotinas, a repensarem os seus comportamentos e costumes, usos e trocas comerciais, as relações interpessoais, a produção e o consumo de bens e serviços, e até mesmo a relação com a natureza e os bens naturais.

A palestra “Diálogo sobre Trabalhos Acadêmicos: Como o profissional Bibliotecário pode ajudar”, apresentada por Liliana Braga Rolim Holanda de Souza (2021), Doutoranda e Mestre em Ciência da Informação, Especialista em Gestão de unidades Informacionais, graduada em Biblioteconomia pela UFPB. Trouxe-nos, através do Projeto SESA-ON-LINE, para o curso de Arquivologia orientações via meet, o quanto o Bibliotecário pode ajudar os alunos pelas redes sociais na construção do conhecimento científico. Abordou-se os processos que fazem parte do cotidiano da biblioteca, seleção de referencial teórico, trabalhos acadêmicos, TCC e a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

No primeiro momento, buscou-se ressaltar a importância da normalização nos trabalhos acadêmicos de acordo com a ABNT. Para Souza, o graduando não tem muito conhecimento das normas exigidas pela academia, dificultando o bom desempenho dos alunos. “Uma das dificuldades que os alunos encontram quando ingressam no ensino superior envolve escrita e discurso acadêmico” (LEA; STREET, 2014, p. 482). A Normalização é uma padronização do trabalho acadêmico ao produzirmos o saber científico, o elemento do estudo estará dentro de um padrão que são utilizados pela maioria das universidades brasileiras e das publicações científicas realizadas em todo o país.

Logo, ao realizarmos um trabalho de conclusão de curso é necessário um referencial teórico, embasado em autores que já falaram sobre o assunto, atentando para os seguintes aspectos: específicos e gerais. Os específicos o que está sendo produzido, o conteúdo do documento, referencial, metodologia, resultados que não podem ser igual ao da consulta, pois configura-se em plágio. Trata-se de uma construção fazendo novas pesquisas, delimitando seu campo de estudo, para proporcionar uma resposta científica.

Desse modo, os aspectos gerais dizem respeito à normalização, nesse sentido entra o papel do Bibliotecário em contribuir com a disseminação da informação, disponibilizando as normas, o acesso aos textos referente ao campo de estudo. Na sequência a palestrante apresentou a plataforma da Biblioteca da UEPB, para que os alunos tenham conhecimento como acessar as informações e seguir o modelo padrão normalizado pela instituição, o aluno só precisa baixar o template para anexar as informações de acordo com seu texto, seja, TCC, artigo entre outros.

No segundo momento, a professora Liliane dirimiu as dúvidas dos alunos em relação à defesa do trabalho de conclusão de curso e os possíveis ajustes, nas seguintes etapas: correção com as sugestões da banca examinadora; observar se o trabalho está de acordo com a ABNT; seguir as orientações do site da Biblioteca para o depósito e solicitar a ficha catalográfica, para posteriormente, ser depositado na Universidade.

Portanto, numa linguagem clara e objetiva, a palestrante, Liliane Braga, consegue transformar um conteúdo técnico, sobre a arquitetura de textos acadêmicos, em uma conversa despretensiosa, simples e fácil de colocar em prática. Desse modo, foi possível falar sobre algo rígido sem tanto peso como os gêneros acadêmicos, artigo, monografia, possibilitando ao aluno clareza e segurança ao desenvolver seu texto dentro do ambiente universitário.

O ARQUIVO: Patrimônio Documental, Memorialístico e Cultural

Edinalva Clementino de Carvalho

*Mestranda | UEPB
edinalva25@hotmail.com*

Linduarte Pereira Rodrigues

*Doutor em Linguística | UEPB
linduartepr@gmail.com*

BRITO, Rayan Aramis Feitosa. BATISTA, Ismaelly. SANTANA, Sandra Valéria. **O arquivo como patrimônio documental, memorialístico e cultural** In: Projeto SESA ON-LINE. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FoAMstRZOGs&list=PLxN9uB8ODjKmszvXwANWVEQ0Zx6X8HYw&index=5&t=4900s>. Acesso em 28 de dezembro de 2021.

Na contemporaneidade, vivemos inseridos em contextos emergenciais nos quais necessitamos adaptarmos às novas formas de interação/comunicação como meio de ressignificar o processo de aprendizagem neste novo cenário, devido a pandemia da COVID-19, exigindo dos indivíduos alta capacidade de se reinventar, identificar problemas e de resolvê-los, preservando e contribuindo para melhoria do seu contexto social, histórico e cultural através de informações e ampliação de seus conhecimentos e aprendizagens.

Eis que a rede SESA On-Line surge como uma crescente estruturação para atender as demandas atuais, promovendo uma transformação cultural, se estruturando a partir de aspectos de enorme acessibilidade dos conteúdos e temáticas e de conexão da diversidade de memória sócio-histórica e cultural existente nos arquivos como patrimônio documental das nações através do desenvolvimento de mesas redondas, palestras e entrevistas que contribuem significativamente para uma nova visão sobre a educação patrimonial e arquivologia.

Toda essa mudança, evidenciada e ocorrida através do projeto SESA (Seminário dos Saberes Arquivísticos) e da criação do “SESA On-Line”, possibilitou ampliar a geração de debates e informações relacionadas à temática com vários estudantes e pesquisadores na área de arquivologia.

A mesa-redonda intitulada “O ARQUIVO COMO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL, MEMORIALÍSTICO E CULTURAL”, que teve como palestrantes Brito, Batista e Santana (2020), abordou o entendimento de patrimônio arquivístico em seus contextos sociais, históricos e culturais brasileiros, enfatizando a memória e sua gestão em âmbitos arquivísticos e as políticas patrimoniais voltadas ao arquivo.

Nesse contexto discursivo, inicialmente, foi articulado por Brito (2020) uma abordagem conceitual de memória, onde destaca como o arquivo dialoga com os aspectos memorialísticos, pontuando elementos importantes para uma compreensão mais ampla sobre memória, destacando sua abrangência em diversas áreas, mas principalmente na área de arquivologia. Para isso, ele cita que, para Le Goff (2013), a memória é como propriedade de conservar certas informações, enfatizando em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas. De acordo com Le Goff (2013), a noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas diversas sociedades e em diferentes épocas.

Com esta abordagem conceitual foi possível perceber a importância da memória como forma representativa de ações e acontecimentos do passado que são revistas no presente e que sistematizam aspectos relevantes sobre os arquivos, um dos quais o considera, não como memória, mas como possuidor de fatos e acontecimentos que compõe a memória. Ainda traz um ponto crucial que é o fato de reconhecer os documentos que servirão ou não para a preservação da memória de uma nação. Vale ressaltar ainda que os elementos constitutivos da memória ultrapassam os documentos, vão além, considerando que a memória organizacional e institucional, não só se constitui de arquivos, mas dos nossos conhecimentos e das nossas memórias individuais abrangendo os aspectos sócio-históricos e culturais de uma nação.

Outra questão abordada pelo palestrante, Brito (2020), foram as políticas públicas arquivistas que, para ele, têm um papel relevante no processo de educação patrimonial, promovendo culturas que valorizem todos os elementos constitutivos de memória, o patrimônio cultural de uma nação, e também a gestão de documentos, uma vez que tem a função de avaliar e selecionar os documentos que servirão ou não para a preservação da memória cultural e histórica da nação.

A segunda palestrante foi Batista (2020), que dialogou de forma coesa com a temática do primeiro palestrante, uma vez que ressaltou o arquivo como entidade, dispositivo e ao mesmo tempo sujeito, ocupando o papel de protagonista mediante ações sociais, destacando-o como arauto socioinstitucional de registros que, para ela, remontam narrativas culturais estruturadas como parte constituinte de memórias entre passado e presente. Diante das exposições e discussões sobre memória, foi ressaltado aspectos que demonstram sua importância como instrumento potencial dos arquivos. Reforçando as ideias de Brito e Batista (2020), Assmann (2011) ressalta que o arquivo não é somente um repertório para documentos do passado, mas também um lugar onde o passado é constituído e produzido. Essa construção não depende apenas de interesses sociais, políticos e culturais, mas é essencialmente codeterminada pelos meios de comunicação e pelas técnicas de registro.

Para a palestrante, estabelecer diálogos com outras bases referenciais nos possibilita construir outros cenários, o que favorece também a inserção de outras vozes capazes de incentivar novos posicionamentos sobre o contexto do patrimônio documental memorialístico e cultural.

A menção que Batista (2020) faz sobre a temática central discursiva potencializa a nossa compreensão sobre o processo evolutivo, contemplando a utilização dos arquivos em diversos tempos e contextos usuais. As concepções de arquivos e sua evolução se fortalecem à medida que a humanidade sente a necessidade de construir, a partir dos artefatos culturais, suas representações simbólicas. Segundo a palestrante, concatenar que o valor atribuído aos documentos de arquivo e seu potencial para a cultura e memória encontra-se correlacionados a capacidade de perceber o simbólico como capital que orienta o desenvolvimento social, científico e tecnológico. Este fato, para ela, evidencia o que só pode ser feito através do processo identitário dos povos. Para isso, requer um trabalho estratégico de educação por meio da difusão de saberes contidos no âmbito dos acervos de arquivos.

Nesse sentido, sabemos que a educação patrimonial pode fortalecer um ponto de equilíbrio para a efetiva valorização e usabilidade dos arquivos em seus diversos contextos. Além disso, é notável que a conservação dos documentos de arquivologia permite a comunicação entre épocas e gerações ao longo do tempo.

A terceira parte da palestra se sistematiza a partir da exposição de Santana (2020), ela contempla uma fala na qual aborda suas experiências com os museus, correspondendo à sua área de maior atuação e considera um grande problema para a memória dos acervos dos museus a ausência do arquivo ou a inexistência de um trabalho com eficiência, o que segundo a palestrante acaba contribuindo para o esquecimento das histórias sociais. Além de apresentar este fato preocupante, Santana (2020), traz para discussão a definição de museu, enfatizando a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o estatuto de museus e dá outras providências. Desta forma, possibilitando percebermos a relevância de um museu e toda sua forma de estruturação em múltiplos contextos e temáticas. Na fala da palestrante há o reconhecimento de que para os museus terem seus objetivos atingidos, são essenciais as práticas documentárias.

Santana (2020) também considera que as práticas documentárias realizadas no âmbito dos museus, para além de servir ao tratamento da documentação, servem também como registros das memórias dessas mesmas práticas e de seus realizadores. Na contramão desse processo, ela reconhece que sua ausência também pode colaborar para o esquecimento. Desta forma, a relação da memória e do esquecimento tem referência com a forma como a instituição realiza o processo técnico, que segundo a palestrante se trata de uma dificuldade que os museus têm de tratar os seus acervos.

Analisando as abordagens presentes na palestra, podemos perceber que há uma grande necessidade de se estabelecer políticas públicas que promovam uma educação patrimonial eficaz e efetiva, que contribuam para a concretização das ações que valorizem e sistematizem os acervos dos arquivos de forma coerente e suprindo suas necessidades. Desta forma, é notável que o patrimônio cultural da humanidade será ressignificado e contemplado como representação simbólica de valor imensurável. A mudança mais importante consiste na conscientização de que todos os indivíduos são responsáveis pela preservação dos arquivos documentais e artefatos culturais que compõem o patrimônio da humanidade.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformação da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.



BRASIL. Lei Federal nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009.

LE GOFF. Jacques. **História e Memória**. 7. ed. Revista, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Reflexões no Âmbito do Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA)

Vitor Hugo Teixeira Araújo
Mestrando em Ciência da Informação | UFPB
vitorhugo-teixeira@hotmail.com

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. Objeto científico da Arquivologia: reflexão para o debate. In: **Projeto SESA on-line**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CjIVT0RDZKU&list=PLxN9uB8ODjKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=11>. Acesso em: 22 dez. 2021.

Assim como muitos setores das mais diversas atuações mundo afora, o projeto Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA), no contexto do isolamento social demandado pela pandemia causada pelo vírus da Covid-19, recorreu assertivamente a recursos tecnológicos para garantir a continuidade de suas atividades coletivas nesse difícil período que a sociedade ainda se esforça para superar.

Fundado há mais de dez anos e coordenado pela professora Dra. Eliete Correia dos Santos, o SESA teve sua trajetória consolidada no âmbito do curso de bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por sua importante atuação para o ensino, pesquisa e extensão. Em consequência de notável empenho, hoje conta com o reconhecimento e uma visibilidade que lhe garantiu o apoio de diversas frentes de colaboração: profissionais, pesquisadores e instituições de educação superior nacionais e internacionais, a exemplo de universidades no Porto e em Coimbra - Portugal.

Em sua proposta atual, o “SESA On-line” tem promovido, através de seu canal no YouTube, a realização de palestras, mesas-redondas e entrevistas relacionadas aos temas mais relevantes da atualidade, absorvidos pelos estudos em informação. Tais iniciativas permitem congregam arquivistas, estudantes e professores, assim como pesquisadores das diversas áreas com as quais a Arquivologia constitui sua

multidisciplinaridade: Ciência da Informação, Biblioteconomia, Linguística, Administração, História, Museologia, Direito, entre tantas outras que se desenvolvem também em torno da informação como objeto de exploração.

A palestra “Objeto científico da Arquivologia: reflexão para o debate” apresentada por Schmidt (2020), trouxe relevantes contribuições para o que tem sido uma das mais complexas discussões dessa área do conhecimento. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt é professora adjunta no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e possui publicações que são utilizadas como material didático na maioria, senão em todos os cursos de graduação em Arquivologia do Brasil. Sua tese de doutorado em Ciência da Informação, defendida em 2012 na Universidade de São Paulo (USP), acabou conquistando o II Prêmio Maria Odila Fonseca, oferecido pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), com o título “Arquivologia e a construção de seu objeto científico: trajetórias, concepções, contextualizações”. Além do expressivo currículo acadêmico, vale ressaltar a mobilização político-social que exerce em prol da categoria, mediante participação no quadro diretivo da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP) desde 2008.

Ao iniciar a palestra, Schmidt situou *objeto científico* como sendo aquele que atribui identidade ao campo disciplinar, que é fruto da discussão da comunidade científica, ressaltando a sua importância para todas as áreas do conhecimento. No caso da Arquivologia, evidenciou uma certa polarização que ainda persiste na literatura: há aqueles que defendem como objeto de estudo o *documento de arquivo*, enquanto outros defendem que o objeto de estudo da Arquivologia é constituído pela *informação arquivística (ou informação orgânica)*...

Relatando acerca do processo histórico da ciência dos arquivos, a pesquisadora cita o início do uso administrativo de documentos pelos governos na Grécia antiga, que, como se sabe, utilizou diversos suportes para o registro informacional. Mais tarde (1789), as transformações propiciadas pela Revolução Francesa teriam sido o marco necessário para o posterior estabelecimento dessa ciência no mundo, que viria a ocorrer em meados do século XX, embasado pelos principais aspectos: desenvolvimento em solo europeu, a partir das necessidades de organização de vários países; a realização de congressos, como o congresso de arquivistas e bibliotecários de Bruxelas (1910); o estabelecimento de novas instituições arquivísticas e a oferta de serviços; a efervescência de desdobramentos

teóricos (como os conceitos de organicidade, custódia e autenticidade); e as publicações de manuais de gestão de arquivos. Considerando esses aspectos, o objeto científico da Arquivologia teria sido pensado, inicialmente, a partir de um contexto em que os documentos eram considerados *históricos, de natureza pública e de suporte predominantemente de papel*.

A partir da segunda metade do século XX, o resultado da Segunda Guerra Mundial teria garantido aos Estados Unidos o protagonismo social, econômico e cultural no “boom informacional” que havia sido ocasionado, que demandou esforços inéditos para a organização das informações. Nessa ocasião, os EUA teriam contribuído com o estabelecimento de regras para padronização dos arquivos, como a avaliação dos documentos e o desenvolvimento da teoria das três idades (o ciclo de vida documental), tendo sido Schellenberg um dos seus principais teóricos. Com esse avanço histórico, o novo tratamento dado aos arquivos contribuiu para expandir no mundo a noção do objeto de estudo da Arquivologia, que passou a considerar não apenas o documento histórico, mas também aquele ainda vinculado ao seu produtor (o que hoje chamamos de *arquivo corrente*).

Sob a ótica da professora, a consolidação da Arquivologia se dá no final do século XX e início do século XXI, com o estabelecimento de uma comunidade científica estruturada e a definição de eventos e periódicos científicos, em que os problemas passaram a ser norteados pelas novas formas de produção documental, sobretudo devido ao progresso tecnológico. Com o advento do documento digital, alteraram-se os paradigmas e muitos passaram a questionar a própria área, perguntando se este seria o fim da Arquivologia e dos documentos.

No entanto, foi da Arquivologia que o avanço sofrido pelo suporte documental, que passou a ser também eletrônico, demandou importantes intervenções para a sua produção, uso e preservação. Nesse percurso, em diferentes partes do mundo, passaram a ser adotadas diferentes abordagens e teorias específicas para o objeto científico da Arquivologia: na Austrália, na década de 1990, o *Record Continuum* (o objeto a ser tratado pela ciência dos arquivos é a informação gerada pelos processos); em Portugal, na década de 1990, a *abordagem pós-custodial* (mais ênfase sobre a informação e o acesso do que sobre os aspectos físicos do documento: a Arquivologia como uma área técnica da Ciência da Informação); no Canadá, na década de 1980, a *arquivística integrada* (a informação orgânica como objeto científico e a integração dos

valores primário e secundário dos documentos, em contraponto à visão americana); na Espanha, na década de 1980, estudos sobre *tipo documental e identificação arquivística* (o objeto científico é o Arquivo enquanto conjunto de documentos, sendo a Arquivologia uma ciência autônoma); no Canadá e na Itália, também na década de 1980, a *Diplomática Arquivística ou Contemporânea* (o objeto científico é o documento de arquivo); também no Canadá, na década de 1980, a *Arquivística Funcional ou Pós-moderna (Process-Bound Information)*: o objeto a ser tratado é a informação gerada pelos processos administrativos, organizada com vistas a possibilitar a recuperação do seu contexto).

Com a descrição dessas principais abordagens, Schmidt revela os principais atores encarados ao redor do mundo como objetos de estudo pela Arquivologia ao longo dos anos, a saber: o *Arquivo enquanto conjunto de documentos; o documento de arquivo; a informação orgânica registrada; a informação arquivística; a informação social; a informação processual*.

Para a palestrante, essas diferentes concepções são resultados de processos históricos e epistemológicos imbricados nas próprias evoluções e mudanças nas naturezas dos registros, da produção documental e do uso de documentos e informações, isto é, do seu contexto de produção.

Para finalizar a explanação, Schmidt apresenta importantes questões para reflexão: frisa que não há unanimidade de pensamento (embora possam haver alguns consensos) e que, independentemente da abordagem teórico-prática adotada nos contextos de atuação dos arquivistas – que é de livre escolha dos gestores das unidades de informação, uma vez que no Brasil não há uma política rígida para essa definição –, há elementos que não podem ser perdidos de vista. São eles: o documento e a informação arquivísticos devem ser autênticos; o arquivista precisa compreender o contexto de produção dos documentos; precisa saber representá-lo; e, mais do que isso, precisa mantê-lo ao longo do tempo. Ressalta que, ao mesmo tempo em que o documento arquivístico registra ações, ele também é resultado delas e, por conseguinte, tem de ser capaz de prová-las.

Após a explanação da palestrante, muitas foram as interações do público, com perguntas diversas para tentar compreender melhor o objeto científico da Arquivologia. Um dos principais pontos ressaltados foi sobre a necessidade de as pesquisas brasileiras, sem desconsiderarem a vasta e necessária influência de todas

as vertentes estrangeiras, focarem mais nas especificidades do seu próprio fazer arquivístico. Segundo a autora, tal postura viria como uma possibilidade de atribuirmos uma visão cada vez mais genuína ao nosso próprio objeto, e que posteriormente essa visão, fruto de uma construção coletiva, pudesse vir a ser considerada a mais apropriada para a nossa realidade.

Mediante a vasta produção documental do planeta, que é constante e possui suportes variáveis, pode-se afirmar que o viés teórico-arquivístico, abordado pela palestra, deve perpassar as organizações de todas as áreas de atuação. Essa realidade faz gerar, continuamente, novas oportunidades para intervenções profissionais diversas no escopo da Arquivologia. Dessa forma, os arquivistas, ao empregar conhecimentos específicos essenciais para a organização das informações visando o seu acesso e preservação para o presente e para a posteridade, constituem-se como importantes agentes de mudança onde quer que atuem. E o projeto SESA, com sua vasta atuação, certamente permanecerá contribuindo para que a Arquivologia avance com a sua mais acertada expressão no Brasil e no mundo.

MEMÓRIA E ARQUIVOS NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Roberta Pinto Medeiros
Doutora em Memória Social | UFRJ
roberta.furg@gmail.com

MEDEIROS, Roberta Pinto. **Memória e arquivos no contexto dos movimentos sociais**. In: Projeto SESA ON-LINE. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yXQN31ca8Ps>. Acesso em: 20 dez. 2021.

A palestra “Memória e arquivos no contexto dos movimentos sociais” apresentada por Medeiros (2021) pelo Projeto SESA ON-LINE no âmbito da 5ª Semana Nacional de Arquivos, promovida pelo Arquivo Nacional do Brasil, que teve como tema o empoderamento dos arquivos. Assim, a palestra abordou sobre a relação dos arquivos, memória e movimentos sociais de forma a conectar com o tema da 5ª Semana Nacional de Arquivos.

Os movimentos sociais, também podem ser encontrados como organizações não governamentais ou como coletivos, representam no contexto das democracias o seu pleno exercício, na medida em que ampliam a gama de atores que neles atuam e representam os anseios do grupo que os organiza. Tais grupos podem ser feministas, negros, povos indígenas, estudantes, sem terra, gênero, entre tantos outros. Consequentemente, os movimentos sociais são fundamentais também para o estabelecimento de políticas públicas e em muitos casos funcionam como uma representação da realidade social.

Ainda, os movimentos sociais no Brasil podem ser considerados como agentes sociais e políticos, sobretudo, quando suas ações recaem nos aspectos de identidade das comunidades alvo que, por sua vez, pautam-se nas memórias que o grupo vai construindo – e documentando – ao longo de sua existência (MEDEIROS, 2020). Portanto, entende-se que os movimentos sociais são resultado de uma ideologia coletiva de agrupamentos sociais, ou seja, originam-se de uma necessidade social, por exemplo a busca de igualdade na efetividade de um direito civil ou social, ou o reconhecimento de uma política voltada para diminuir desigualdades (GOHN, 2015).

O Brasil tem uma longa história de lutas por direitos civis, sociais e políticos que se iniciaram já na época do período colonial, passando pelo período imperial com as revoltas regionais e os movimentos abolicionista e republicano, e no início do século XX com a Greve Operária e as tentativas de golpe durante a Era Vargas. Na década de 1970, essas lutas tiveram uma intensificação durante a ditadura militar, quando surgiram o Movimento dos Sem Terra (surgiu no final da década de 1970 com ocupações de terra), o Movimento Estudantil, o Movimento Feminista (movimento sufragista, direito à educação, direito ao divórcio). Nota-se que cada movimento tem seu objeto específico de luta. No entanto, todos expressam as contradições econômicas e sociais da sociedade brasileira, bem como a defesa e garantia da democracia, que é vista como um bem universal.

Assim, os movimentos sociais são resultados de uma ideologia coletiva de agrupamentos sociais, ou seja, nascem de uma necessidade social, como a busca de igualdade na efetividade de um direito ou de reconhecimento de uma política de inclusão social e de reparação das injustiças (MEDEIROS, 2020). Os movimentos sociais buscam mudanças na sociedade por meio de ações sociais.

Por isso, considera-se que os arquivos podem apresentar-se como lugares de construção de memória, na medida em que acomodam um acervo documental, cujo teor registra um substrato de conteúdo que significa construir a memória a respeito de determinado momento histórico. Logo, entende-se que o arquivo é um lugar que disponibiliza informações e permite construções de memórias, na medida em que são lugares onde os documentos estão armazenados e onde os pesquisadores (usuários) têm o potencial de transformar esses lugares e as informações ali contidas em memórias a partir do momento que reconstroem a história com a ajuda de testemunhos (GONZÁLEZ QUINTANA, 1999).

Daí a importância de se promoverem arquivos dessa abrangência, pois, muitas vezes, é neles que se encontram salvaguardados os direitos individuais e coletivos dos cidadãos. Portanto, esses documentos podem reconstruir a memória latente e essa reconstrução afasta o esquecimento. Logo ressignifica o direito de conhecer o passado, o direito à privacidade, o direito à verdade, portanto, o direito à identidade nacional, à construção e transmissão da história e o direito ao respeito da pluralidade de memórias (MEDEIROS, 2020).

Logo, os arquivos representam, por meio da informação que preservam, uma memória de resistência de um determinado grupo ou sujeito, permitindo o respeito à

pluralidade de memórias e de identidades. O exercício de direitos coletivos e individuais, a partir do uso de documentos preservados em arquivos, pode ser a expressão do vigor democrático de uma nação (MEDEIROS, 2020). Logo, a potência informativa dos arquivos deve ser reconhecida também como fonte de comprovação, uma vez que seus conteúdos favorecem o acesso a direitos coletivos e individuais, além de transformações sociais (CATELA, 2002).

Para complementar o discurso da palestra, trouxe-se alguns exemplos (*prints* dos sítios) de coletivos no Brasil. Iniciou-se com o movimento feminista com os coletivos Tamo Juntas (2021), que inclui também pautas relacionadas ao movimento de gênero, e o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (2021), que além de promover o movimento feminista, também inclui cursos direcionados para a sociedade ou para grupos de mulheres. A apresentação de exemplos seguiu para o movimento LGBTQIA+, movimento que luta por direitos relacionados a gêneros, como os coletivos AzMina (se intitula como movimento feminista, mas inclui na pauta lutas de gênero) (2021) e o Não Me Kahlo (2021), ambos exemplos trazem notícias atuais sobre as pautas que defendem em seus portais, incluindo questões de política, de violência e de saúde.

Continua com o portal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (2021), o qual possui o como pauta principal a luta e demarcações de terras, incluindo demarcações de terras dos povos indígenas, além disso, o portal traz informações a respeito das ações promovidas pelo Movimento, notícias, cursos, palestras, campanhas, entre outros. Juntamente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, trouxe-se o coletivo Teia dos Povos (2021), que ergue a bandeira dos povos indígenas, e luta, principalmente, pelas demarcações de terra e aborda sobre garimpos ilegais.

Dos portais do movimento negro trouxe-se dois exemplos, o Instituto Marielle Franco (2021) e o Portal Geledés Instituto da Mulher Negra (2021). O primeiro inclui diversas pautas e ações do movimento negro e ainda traz uma ação que se chama Mapa dos Coletivos, a qual tem como objetivo identificar os movimentos, organizações ou coletivos do mundo e por meio dessa ação fortalecer os laços e levar o legado de Marielle Franco para diversas comunidades. O Portal Geledés nasceu na década de 1980 e tinha como principal objetivo a inclusão da mulher negra na sociedade, com o passar dos anos incluiu outras pautas, mas sempre voltada pela luta negra. Ainda sobre portais de movimentos, trouxe o Movimento de Justiça e Direitos Humanos de

Porto Alegre (2021), que é uma organização que luta pela defesa dos direitos humanos de grupos sociais, de indígenas, de negros, de LGBTQIA+, ou seja, a sociedade no geral.

Para finalizar os portais de coletivos, trouxe um *print* do sítio do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o qual carece de informações sobre os movimentos sociais ou coletivos, bem como uma identificação de como encontrar um coletivo próximo ao cidadão, enfim, o órgão executivo responsável por um assunto tão importante, mas ao mesmo tempo é ausente desse.

Conclui-se a fala com algumas imagens das redes sociais (Instagram e Twitter) de cartunistas e ilustradores brasileiros, como Daniel Lafayette, Heloísa D'Angelo, João Montanaro e Leandro Assis. Essas ilustrações estão relacionadas com o momento político, econômico e social em que o País vive. Portanto, servem de representação social e de levantamento e posicionamento de lutas.

Logo, os movimentos sociais, assim como as instituições criadas em sua defesa podem ser considerados lugares de memória, podendo ser caracterizados como memórias vivas e testemunhos de fatos que ocorreram no passado, pois impedem que a memória caia no esquecimento da sociedade, já que os movimentos sociais têm como principal característica o dinamismo, ou seja, estão sempre em busca de algum direito para o grupo que representa.

REFERÊNCIAS

AZMINA. Instituto AzMina. 2021. Disponível em: <https://azmina.com.br>. Acesso em: 08 jun. 2021.

CATELA, Ludmila da Silva. El mundo de los archivos. In: Ludmila da Silva Catela; Elizabeth Jelin. **Los archivos de la represión: documentos, memoria y verdad**. Madri: Siglo Veintiuno de España editores, 2002, p. 195-221.

CFEMEA. Centro Feminista de Estudos e Assessoria. 2021. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br>. Acesso em 08 jun. 2021.

CIMI. Conselho Indigenista Missionário. 2021. Disponível em: <https://cimi.org.br>. Acesso em: 08 jun. 2021.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

GONZÁLEZ QUINTANA, Antonio. Archivos y Derechos Humanos. **Boletín de la ANABAD**, Tomo 49, no 3-4. Espanha, 1999, p. 371-389. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/autor?codigo=50027>. Acesso em: 10 mar. 2019.



MEDEIROS, Roberta Pinto. **A construção da memória e da identidade pelos movimentos sociais: a atuação do Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre relatada em seu acervo**. 2020. 246 f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MJDH. Movimento de Justiça e Direitos Humanos, RS. 2021. Disponível em: <https://www.direitoshumanosbr.org.br/inicio.html>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Brasil. 2021. Disponível em: <https://mst.org.br>. Acesso em: 08 jun. 2021.

PORTAL GELEDÉS. Geledés Instituto da Mulher Negra. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 08 jun. 2021.

SOUZA, Maria Antônia de. **Movimentos sociais no Brasil contemporâneo: participação e possibilidades no contexto das práticas democráticas**. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MariaAntoniaSouza.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

TAMO JUNTAS. Organização Tamo Juntas. 2021. Disponível em: <https://tamojuntas.org.br>. Acesso em: 08 jun. 2021.

TEIA DOS POVOS. Articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. 2021. Disponível em: <https://teiadospovos.org>. Acesso em: 08 jun. 2021.

UMA LEITURA SOBRE AS NOVAS DIREÇÕES PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Áquila Sartori Mesquita Rocha
Mestranda | UFCG
aquila.sartori@estudante.ufcg.edu.br

MANDL, Thomas. **Novas direções para a Ciência da Informação**: inteligência artificial e processamento de textos. In: Projeto SESA ON - LINE. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HIUjCkc5TRo&list=PLxN9uB8ODjKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=18&t=3487s>. Acesso em 23 de dezembro de 2021.

O projeto de pesquisa e extensão SESA (Seminário dos Saberes Arquivísticos) tem o objetivo de desenvolver atividades que possam qualificar o estudante, dando-lhe oportunidade de atuar em práticas sociais em Instituições de Ensino Superior - IES. Partindo desse pressuposto, surge o SESA *On-line*, que estabelece uma cooperação acadêmica com relações internacionais, via plataformas digitais e ambientes virtuais de aprendizagem.

O SESA *On-line* nasceu durante a época de pandemia da Covid-19, em que a interação estava restrita ao ensino e práticas emergenciais. Nesse sentido, a ideia do projeto *on-line*, aberto e gratuito, consiste na realização de palestras, mesas-redondas ou entrevistas relacionadas às temáticas de Literacia, Tecnologia e Fazeres e Saberes em Arquivologia e Ciência da Informação a partir da propositura de pesquisadores parceiros da rede. A proposta inclui pesquisadores da Ciência da Informação, estudantes e associações, oportunizando intercambiar conhecimentos e experiências por meio do canal no Youtube.

A palestra “Novas direções para a Ciência da Informação: inteligência artificial e processamento de textos” pronunciada por Mandl (2021) pelo projeto SESA *On-line* abordou os avanços da inteligência artificial como influência significativa na área de processamento e análise de textos, avanços esses que irão acarretar importantes mudanças nas práticas profissionais em bibliotecas e arquivos. O palestrante

apresenta as técnicas inovadoras e discute as consequências nas práticas documentais.

No momento inicial da palestra, Mandl apresentou brevemente o local onde reside e trabalha na Alemanha por meio de fotos e mapas, assim, os alunos e todos os internautas puderam conhecer melhor o contexto ao qual o doutor e professor em Ciência da Informação é inserido.

Para uma melhor compreensão, na primeira parte, o palestrante elucidou de forma introdutória e resumida sobre as ciências envolvidas na discussão, que são Arquivologia, Ciência da Informação e Inteligência Artificial. A respeito de Arquivologia, Mandl (2021) registra que atualmente o interesse da área por Inteligência Artificial vem crescendo consideravelmente e é necessário acompanhar esses progressos.

Comenta ainda sobre alguns livros que apresentam os primórdios da Arquivologia: *Von Registratur*, de Jacob von Rammingen (1571), autor alemão que possivelmente foi o primeiro a falar sobre arquivística e a influenciar, a partir de seus escritos, os pensamentos da importância de considerar o arquivo como uma ferramenta auxiliar para historiadores; *De Archivis*, de Baldassare Castiglione (1632); *Modern Archives: Principles and Techniques*, de Schellenberg (2003). É interessante ressaltar a atualização na maneira de pensar o arquivo, avaliação e relação entre itens, e que hoje a Inteligência Artificial tem uma participação fundamental na ciência que trabalha com arquivos.

Nesse sentido, o acesso aos documentos exige do arquivista, em qualquer tempo, organização e gestão documental dos objetos para recuperá-los. Para exemplificar melhor as maneiras como essa gestão acontece, Mandl exibe imagens que ilustram como em épocas diferentes foram e são contemplados acesso à informação nas bibliotecas físicas e virtuais.

Segundo o palestrante, a área da Ciência da Informação se preocupa com o gerenciamento de informações criadas a partir de dados simples. Em sua maioria, essas informações, após serem constituídas por meio de análises ou transformações, permitem a produção de conhecimento. A indexação de informações pode ser automática ou semi-automática utilizando uma interface ou software, ou seja, por meio da computação ou atividade humana, assim, utiliza-se o conhecimento como

interação no processo de armazenamento, recuperação ou disseminação da informação.

Sobre Inteligência Artificial - área da tecnologia que utiliza sistemas ou máquinas que imitam a inteligência e comportamento humano com finalidades diversas - Mandl (2021) destaca que existem dois conceitos, uma IA fraca, que acontece quando há uma reprodução ou imitação de comando, sem capacidade de raciocínio próprio; e uma IA forte, que reproduz processos cognitivos ao analisar dados padronizados, como por exemplo os comandos de uma máquina em um jogo de xadrez. O palestrante também destaca que a IA por substituir determinadas ações ameaça funções humanas, como um funcionário de fábricas, por outro lado a IA possibilita geração e aperfeiçoamento em áreas como: arte, medicina ou até seguros de carro.

Ao entrar em um subcampo da IA, Mandl apresenta a Aprendizagem de Máquina, um aprendizado automático em que o sistema tem habilidades de aprender a partir de dados amostrais, regras e padrões. Nesse sentido, são fornecidas pelo “ator” exemplos de entradas e saídas desejadas com o objetivo de mapear essas ações. Essa tarefa é esclarecida pelo palestrante e chamada de aprendizado supervisionado.

Como uma breve análise de Mandl, a Inteligência Artificial atingirá diretamente a área da Ciência da Informação e Arquivologia ligada à representação de textos. E como forma de elucidar o internauta a respeito da representação de texto, foi importante ressaltar métodos utilizados para que aconteça o *deep learning* (aprendizado profundo). Um dos principais e mais comuns métodos é por frequência de dados, que acontece a partir da significação representativa de palavras, em que é feita uma análise da frequência do uso de palavras e a quantidade de vezes que foi utilizada em determinado texto. Com base nesses dados é possível perceber a relevância de dado assunto, assim fica mais fácil captar um tipo de informação, porém, com esse método há ainda uma falha no que se refere a dificuldade na identificação semântica e sintática das palavras nos textos.

Em virtude dos avanços na área de representação de textos, surge então o método *Embedding* que supera as dificuldades de pouca informação semântica das palavras no texto, pois nesse método o sistema analisa o texto e encontra conexão e relação entre as palavras. Segundo o palestrante, esse sistema também tenta

adivinhar as palavras que podem ser usadas entre as frases através de um percurso que inicia com o *input* (palavras de entrada), passam por uma *black box* ou caixa preta (programação pelo sistema de *Embedding*) e finaliza na *output* (palavra sugerida), todo o processo é gerado por representações numéricas e programados com um objetivo particular. Portanto, quanto mais informações forem chegando para o sistema, mais específico será o resultado do método.

A partir desse mesmo método, o professor Mandl apresenta outra função que pode ser utilizada nas áreas que trabalham com representação de textos. Nesse sentido, o *Embedding* também poderá indicar próximas palavras e representar frases completas, colecionando informações sobre um contexto específico. Dessa forma, o palestrante conclui que esse método após tanto ser usado e aperfeiçoado consegue hoje gerar textos com níveis tão bons quanto os elaborados por humanos.

Nessa perspectiva, Mandl avalia que a área de Arquivologia precisa estar a par de toda atualização que envolve a Inteligência Artificial, pois os processos manuais vêm sendo substituídos por ferramentas que utilizam a automatização, não só como pesquisa de arquivos, como também na manipulação de geração de textos e arquivos. Portanto, essa palestra, ofertada pelo projeto SESA, é de grande importância para o conhecimento sobre os avanços da IA na área de processamento e análise de textos. O professor Thomas Mandl apresentou métodos relevantes como *Embedding*, aprendizagem de máquina e modelos gerativos de maneira direta e acessível e evidencia a todo momento a importância da continuação dos estudos por parte dos atuantes e estudantes da área.

REFERÊNCIAS

PROJETO SESA. Disponível em:
<https://sites.google.com/view/projetosesa/home?authuser=1>. Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Reflexão para o Debate no Contexto do Projeto Sesa On-Line

Wallace Dantas

*Mestre em Linguagem | UFCG
wallacedantaspb@hotmail.com*

Eliete Correia dos Santos

*Doutora em Linguística | UFPB
professoraeliete@hotmail.com*

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Objeto científico da arquivologia: reflexão para o debate.** In: Projeto SESA ON-LINE. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CjIVT0RDZKU>. Acesso em 29 de dezembro de 2021.

Para uma ciência ser aceita ela deve cumprir três requisitos fundamentais: ter um campo específico de investigação – objeto de estudo, teorias e método próprio. (RENDON ROJAS, 2011, p. 43)

O Projeto SESA – Seminários de Saberes Arquivísticos – criado em 2007¹ tem como objetivo geral estabelecer a cooperação acadêmica de relações internacionais do Projeto SESA, via plataforma digitais e Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA, no campo da investigação da área de Ciência da Informação e Arquivologia, bem como o registro e acesso a informações e conhecimento científico na internet e redes sociais. Nesse contexto, para concluir as comemorações do mês do arquivista, em outubro de 2020, por meio de uma palestra transmitida pelo YouTube, o referido projeto, em cooperação com pesquisadores de renomadas universidades – em especial a Universidade Federal Fluminense (UFF) – trouxe à comunidade acadêmica

¹ Para maiores informações sobre o Projeto SESA, criado e coordenado pela Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos, sugerimos o acesso ao seguinte sítio: <https://sites.google.com/view/projetosesa/home?authuser=0>

e científica a fala intitulada *Objeto científico da Arquivologia: reflexão para o debate*, proferida pela Profa. Dra. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt.²

Inicialmente a Professora Clarissa Schmidt traz a indagação *O que é objeto científico?*, afirmando que o objeto atribui identidade ao campo disciplinar, não sendo apenas um privilégio da Arquivologia. À luz de Redon Rojas (2011), a palestrante afirma que a ciência para ser aceita pela comunidade científica deve apresentar três fatores principais: o objeto de estudo, a teoria e um método próprio. Com isso, para nos apresentar a resposta para a pergunta inicial, ela indaga mais uma vez *E na Arquivologia, qual é o objeto?*

Antes de responder a essa segunda indagação feita – haja vista já ter, no sentido amplo de qualquer ciência, ter respondido à primeira pergunta – a professora Clarissa Schmidt apresenta duas vertentes constitutivas de uma polarização que, segundo ela, perpassa a Arquivologia: *passado e superado documento de arquivo X informação arquivística ou orgânica*, que não são unânimes e nem possuidoras de uma superioridade de uma sobre a outra.

Dando continuidade, de maneira extremamente reduzida (afinal, a redução é uma característica fundante do contexto da internet, em especial nos tempos nos quais estamos³) – o que, de certa forma, prejudica a compreensão desta parte de sua fala, tendo em vista, conforme afirmado *a posteriori* pela própria palestrante, a Arquivologia, seus estudos e métodos atrelam-se ao contexto, ou seja, *Arquivologia é a ciência do contexto* (SCHMIDT, 2020) e, a nosso ver, esse contexto, de forma necessária à compreensão da comunidade acadêmica e científica, apresentou-se de uma maneira extremamente tímida, sendo, então, necessária uma busca incessante para que o mesmo possa ser conhecido.

A comprovação da lacuna existente quanto à menção do contexto tão necessário à compreensão dos estudos em Arquivologia e, conseqüentemente, ao entendimento do objeto científico, se dá pelo fato de que a palestrante inicia a exposição desse ponto a partir da Revolução Francesa (Século XVIII) – antes, porém,

² Professora Adjunta no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense - UFF. Doutora em Ciência da Informação (2012) pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

³ “Os tempos” aos quais nos referimos dizem respeito à pandemia da COVID-19 no qual a palestra se encontra, ao negacionismo tão marcante na sociedade brasileira atual (em especial a partir de 2018), bem como à desvalorização das pesquisas desenvolvidas no contexto das Ciências Sociais Aplicadas e Humanas.

muito rapidamente, menciona a História Antiga e a Idade Média, sem trazer maiores detalhes para os fatos em si.

Prosseguindo, a professora Schmidt (2020) apresenta alguns pontos relevantes no século XIX, chamando nossa atenção para a *Ciência Histórica*, marcos teóricos iniciais da Ciência dos arquivos e a sistematização em Manual (como, por exemplo, o Manual dos holandeses). Nessa esteira, a palestrante entra no contexto da primeira metade do século XX, detendo o olhar, muito brevemente, para o surgimento em solo europeu dos aspectos científicos da Arquivologia, mencionando os congressos, as instituições arquivísticas, os serviços de arquivo, os desdobramentos teóricos, os importantes manuais e a fratura em relação aos documentos nos produtos. Na segunda metade do século XX, ela traz à tona a América (em especial os EUA e o contexto da 2ª Grande Guerra), a preocupação com os documentos administrativos (o que atualmente é denominado de *arquivo corrente*), a gestão de documentos, a avaliação de documentos e a Teoria das Três Idades.

À luz dessa brevidade contextual, o final do século XX e o início do século XXI se mostram como importantes pelo fato de a Arquivologia se consolidar enquanto *Ciência dos arquivos*, possuindo uma comunidade científica robusta, com eventos científicos periódicos, surgindo também as revistas especializadas na área, compondo, então, o contexto para o *Documento eletrônico/digital*.

Ao fim dessa brevíssima apresentação quanto ao contexto, elemento primeiro daquilo que chama de *Ciência do contexto*, Schmidt (2020), tendo já deixado claro, anteriormente, que a fala constitutiva da referida palestra é um recorte de sua tese de doutorado defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), expõe as seguintes abordagens, até então da época de produção e defesa de sua tes: a) abordagem pós-custodial; b) abordagem arquivística integrada; c) estudo sobre tipo documental e identificação arquivística; d) diplomática arquivística ou contemporânea; e) arquivística funcional ou pós-moderna.

Em seguida, Schmidt (2020), responde à pergunta feita nos primeiros momentos de sua apresentação – *Em Arquivologia, qual é o objeto?* – apresentando algumas definições de forma tão breve, quanto à apresentação do contexto. Para ela, esse objeto pode ser compreendido quanto: 1) arquivo enquanto conjunto de documentos de arquivo; 2) o documento de arquivo; 3) informação orgânica

registrada; 4) informação arquivística; 5) informação social; 6) *Process-Bound information* – sendo todas essas definições resultantes de processos históricos e epistemológicos caros à Arquivologia e que, certamente, devem ser conhecidos pelos estudiosos e pesquisadores que se debruçam sobre os estudos arquivísticos.

Para a referida palestrante:

A partir de então, consideramos importante pensar sobre o estatuto científico da Arquivologia, principalmente em relação ao seu objeto científico, de modo a compreendermos em que termos e contextos esses debates e diferenças acontecem, bem como seus possíveis desdobramentos nas bases conceituais e metodológicas da área, isto é, questões e problemas que acarretam em negação e/ou ressignificação de seus Princípios e Funções, a partir do que se compreende como o seu objeto científico. (SCHMIDT, 2017, p. 171)

Ou seja, essa compreensão dos termos e contextos não apresenta unanimidade quanto ao objeto científico no âmbito da Arquivologia, todavia, a professora Schmidt afirma que o estudioso não deve perder de vista a autenticidade e o contexto de produção desse objeto; o registro das ações; o resultado das ações e a capacidade probatória desse objeto científico.

Diante de tudo isso, ao estudioso mais atento, percebe-se uma necessidade urgente de se ter apresentado um contexto para que o objeto científico no âmbito da Arquivologia pudesse, talvez, ser melhor compreendido na referida palestra por parte, em especial, do pesquisador/estudioso iniciante e, para esse feito, sugerimos os textos de Schmidt (2012; 2017) que se tornam de leitura obrigatória no sentido de preencherem a lacuna da brevidade na palestra. Brevidade essa, como bem mencionamos, proveniente do contexto digital de lives e conferências audiovisuais, por nós vivenciado desde o início da pandemia da COVID-19.

Concluindo, o brilhantismo na fala da Dra. Clarissa Schmidt quanto à capacidade de síntese (exigida pelo contexto da internet), de organização e de apresentação, numa linguagem científica, àquele que queira desvendar, cientificamente (ou ter as direções apontadas), o objeto científico da/na Arquivologia, é fator incontestável. A contribuição dada às pesquisas e aos estudos quanto ao objeto científico na/da Arquivologia é marca indelével na palestra que analisamos nesta resenha que, (in)diretamente, nos faz um convite a uma busca, por meio de leituras,

pesquisas e investigações, quanto ao aprofundamento do entendimento, à luz dos contextos diversos, do objeto científico da/na Arquivologia.

REFERÊNCIAS:

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Arquivologia e a construção do seu objeto científico**: concepções, trajetórias e contextualizações. 2012. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02072013-170328/pt-br.php> . Acesso em 30 de dezembro de 2021.

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. Entre o documento de arquivo e a informação arquivística: reflexões acerca do objeto científico da Arquivologia. In: SANTOS, Eliete Correia (Org.). **Pesquisa em Arquivologia**: fronteiras e perspectivas epistemológicas. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 169 – 198.

RENDON ROJAS; Miguel Ángel. (Coord.). Bibliotecologia, archivística, documentación: intradisciplinar, interdisciplinar o transdisciplinariedad. México: UNAM, 2011.

SABERES SOBRE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Tessália Régia Dantas de Araújo
Especialista em Linguística | UFCG
tessalia.regia@hotmail.com

NOVAS direções para a ciência da informação: **inteligência artificial e o processamento de textos**. [S.l.]: Projeto Sesa On-line, 23 nov. 2020. 1 Vídeo (1h:24min). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HIUjCkc5TRo&list=PLxN9uB8ODjKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=19&t=9s>. Acesso em: 27 dez. 2021.

O Projeto SESA ON-LINE (Seminário dos Saberes Arquivísticos) apresentou a Palestra “Novas direções para a Ciência da Informação”, com o Prof. Dr. Thomas Mandi da Universidade de Hildesheim, Alemanha. O vídeo disponibilizado pelo YouTube dura cerca de 1h24min. Em aproximadamente 50 minutos, o palestrante discorre sobre o tema, restando 34 minutos para interação com o público. É importante ressaltar que o palestrante fala fluentemente português.

O professor iniciou suas colocações situando a Universidade de Hildesheim, na Alemanha, o site da universidade e o Curso “Global Information Management”, em que leciona. Em seguida, passou a discorrer sobre o tema, didaticamente, dividido em duas partes.

Na primeira parte, tratou sobre a Ciência da Informação, Arquivologia e Inteligência Artificial.

Quanto à Arquivologia, mostrou um rápido percurso do seu princípio, desde 1571 com Jacob, von der Registratur, seguido por Baldassare Bonifacio, De Archivis (1632); no século passado T.R. Schellenberg, em Modern Archives até algumas explicações entre arquivos e bibliotecas.

Um ponto de destaque foi em relação ao arquivo de documentos, mostrando que o acesso requer representações, geração de conhecimentos que podem ser transmitidos por meio de coleções de livros e documentos, organizados em bibliotecas

físicas ou digitais que representem determinada época, povo, costumes, desde a antiguidade até os dias hodiernos.

No que diz respeito à informação, existem aqueles que criam o conhecimento e os que buscam, mas nem sempre a informação está acessível, ou os especialistas são encontrados, por isso surgem os sistemas: sociais, físicos ou digitais.

No entanto, para que haja conexão, interação entre os que desenvolvem o conhecimento e os que buscam há a necessidade de procurar as áreas em que esses sistemas se encontram: áreas da Ciência da Informação, organizadas por meio da tecnologia e de acordo com os interesses da sociedade.

Em meio a este contexto, destaca-se a Inteligência Artificial (IA) que leva a humanidade a pensar o que é inteligência, se os sistemas criados para determinadas áreas são melhores que os profissionais, como exemplos: pilotos, jogadores de xadrez, médicos entre outros.

A seguir, o professor aborda dois conceitos relacionados a IA: IA fraca-imitação; IA forte- reprodução de processos cognitivos. Esses conceitos são esclarecidos durante a palestra e o professor chama a atenção para o fato de como a IA influencia o cotidiano, mostrando o conhecimento universitário como prioritário neste setor. Também fala acerca dos transtornos que são gerados para os trabalhadores das fábricas e de outras áreas do conhecimento que são substituídos pelas máquinas.

Em seguida, Dr. Thomas Mandi mostra a IA adentrando o universo da criatividade, o primeiro quadro vendido em uma exposição e a produção de músicas. Na medicina, mostra o câncer de pele sendo identificado com precisão surpreendente. Na área de seguros de automóveis, o custo de um conserto de carro é baseado na observação de uma fotografia. Neste sentido, comprova-se que a IA pode reproduzir tarefas de profissionais especializados, como também criativos.

Neste contexto, surge a supervisão e o mapeamento, para analisar as necessidades, mapear as imperfeições e aprimorar o uso da IA gerando aprendizado para a máquina. Ela transforma áreas da sociedade do conhecimento, acelera as polarizações do trabalho, pois afeta diretamente as disciplinas e áreas que trabalham com a informação.

Diante dessas conclusões, na segunda parte da palestra, o professor aborda a representação de textos a partir dos seguintes tópicos: frequência; IDF; *embeddings*; *embedding* com contextos e gerar textos.

Representação em frequência remete a contar palavras. O Cientista George Kingsley Zipf estudou ocorrências estatisticamente, mostrando palavras mais usadas no cotidiano e outras mais elaboradas que ficam armazenadas na memória sem uso constante.

Por conseguinte, Karen Sparck Jones inventou, em 1972, o Inverse Document Frequency (IDF) usado para observar se um termo é comum ou raro em determinado documento, ou seja, funciona como uma medida estatística.

Os *embeddings* surgem com o nível de sub-palavra, chamado de aprendizado profundo, visto que utiliza o texto para aprender as conexões e relações entre as palavras. A cada texto tiram cinco palavras para o sistema de aprendizagem da máquina. O sistema faz previsões entre as palavras, estas são levadas ao *black box* e podem fazer conexões de conteúdos.

O próximo passo é reconhecer esse conteúdo em diferentes contextos. Por fim, estes sistemas passam a ser usados para gerarem textos. Um exemplo que o palestrante apresenta é o que simula uma conversa entre um psicólogo rogeriano e um paciente humano, criado por Joseph Weizenbaum: Eliza; o software processa a linguagem natural dos interlocutores. Outro passo mencionado no final da palestra foi a criação de um *paper* produzido por esses sistemas, os quais estão cada vez mais avançados a ponto de criarem poemas e artigos completos.

Após os exemplos, Dr. Thomas responde aos questionamentos do público que levam a muitas reflexões sobre o futuro. São questões pertinentes sobre estes artigos que são feitos pela máquina, como serão analisados de fato. As contribuições da IA para Educação, Arquivologia e tantas outras áreas.

Dr. Thomas Mandi, além de ter conduzido brilhantemente o tema sobre os rumos da Ciência da Informação, conduz o público a uma profunda reflexão sobre questões éticas, sociais e econômicas.

Destacou a importância desses estudos na Educação, quando revela as possibilidades de se entender os estudantes, o nível em que se encontram, para que IA possa oferecer conteúdo mais eficaz à aprendizagem.

Na Arquivologia destacou a necessidade do profissional dessa área aprofundar os estudos em relação aos sistemas e aprimorar o trabalho para acompanhar os avanços.

No setor da medicina, os diagnósticos serão mais eficazes, os sistemas serão mais precisos em relação à informação. A sociedade não tem como retroceder nesses aspectos, mas como avançar de forma a não aumentar o abismo das desigualdades, lembrando que em determinadas áreas a IA ultrapassa o homem, principalmente, no que diz respeito ao armazenamento de dados.

Os homens continuarão exercendo o controle sob a máquina, mas precisam entender as complexidades do assunto, o modo como a IA influencia as redes sociais, aumentando as polarizações, dificultando o debate; como pode aumentar as injustiças sociais, no tocante à população que não consegue acompanhar esses avanços.

O professor Thomas, além de tratar o assunto com maestria, faz o público compreender acerca da responsabilidade e profundidade que envolve o tema.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO DA ARQUIVOLOGIA: Diálogos Necessários no Projeto Sesa On-Line

Josenilda Santos Luiz
Mestranda em Linguagem | UFCG
josenilda.santos@estudante.ufcg.edu.br

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Objeto científico da Arquivologia - Reflexão para o debate.** In: Projeto SESA ON-LINE. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CjIVT0RDZKU&list=PLxN9uB8ODJKmszvX0wANWVEQ0Zx6X8HYw&index=11> Acesso em 20 de dez. 2021.

O contexto de pandemia do covid-19 acarretou diversas transformações nas relações interacionais, seja nos aspectos individuais ou nas condições de produção de diálogos entre os sujeitos nos seus variados contextos sócio históricos. Ao mesmo tempo, possibilitou novas ressignificações na sociedade com o objetivo de maior interação nas distintas situações comunicativas, e deste modo, compreendemos que a criação do projeto SESA on-line possibilitou diversas contribuições em nosso contexto social e, de modo específico, em âmbito acadêmico.

O SESA on-line passou a ser transmitido pelo canal do YouTube, promovendo mesas-redondas, palestras e também entrevistas, articulando sempre temáticas de grande relevância, como os conhecimentos em arquivologia, tecnologia, ciência da informação e comunicação. Desse modo, o SESA on-line é um espaço propício para o compartilhamento de experiências entre arquivistas, pesquisadores e estudantes.

Destacamos no SESA on-line a palestra intitulada "Objeto científico da Arquivologia - Reflexão para o debate", mediada pela Profa. Dra. Eliete Correia dos Santos e apresentada pela Profa. Dra. Clarissa Moreira dos Santos Schmidt, que abordou aspectos importantes na constituição do objeto científico da arquivologia, abrindo espaço para contribuições e debates entre os participantes em tempo real via chat on-line.

De início, Késsia alexandre, membro do projeto SESA prestou uma homenagem ao estudante de arquivologia José Eduardo Lopes, que foi mais uma

vítima fatal do covid-19, foram ressaltadas falas diversas enaltecendo o estudante como sendo participativo e envolvido nas causas estudantis, e uma pessoa que no contexto universitário mantinha uma boa relação com todos. A mediadora, a Prof. Dra. Eliete também relembrou as vivências com o estudante. Ressalvamos, que este momento de lembrar alguém que era presente, e se tornou mais uma vítima fatal de covid-19 é de extrema importância ao contribuir com aspectos relevantes nas relações sociais, e se torna significativo ao mostrar o respeito ao jovem que contribuiu em vida para a comunidade acadêmica em arquivologia.

No primeiro momento da sua fala, a palestrante enfatizou que a referida apresentação é um recorte da sua tese de doutorado “Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações” da pós graduação da Universidade de São Paulo (USP) defendida no ano de 2012. Em seguida, questiona o que é objeto científico e por que é importante refletir sobre este termo na esfera acadêmica. Dando continuidade à sua fala, caracteriza o objeto científico presente em todas as áreas do conhecimento como um elemento identitário que permite interpretar os fenômenos em diferentes olhares.

A palestrante ao refletir sobre o objeto de estudo científico da arquivologia, enfatiza que atualmente existe uma polarização entre as compreensões deste termo, pois, alguns dizem que é o passado e superado documento de arquivos, outros compreendem ser a informação arquivística ou orgânica. Entretanto, Schmidt destaca que não se pode considerar nem uma compreensão nem outra dessas apresentadas. É preciso entender o processo de construção do objeto científico da arquivologia na perspectiva histórica de construção do que é a ciência dos arquivos, ou seja, a arquivologia. E, por conseguinte, apresenta uma contextualização do processo histórico da ciência dos arquivos.

Deste modo, ressaltamos a arquivologia, na perspectiva de uma ciência, conforme podemos observar nas reflexões expostas por Schmidt (2012, p. 236), como sendo a arquivologia a ciência dos documentos de arquivos, na mesma perspectiva, Santos (2017, p. 03) reflete a arquivologia não como uma técnica, mas como uma ciência. Convém apontarmos também as contribuições de Felipe (2017, p.73) quando aborda os objetos de estudos da arquivologia, nos proporcionando maiores entendimentos sobre as suas características.

A palestrante enfatiza que no final do século XX e início do século XXI a arquivologia estava consolidada como ciência dos arquivos, até mesmo no Brasil, sendo vislumbrada a partir de comunidades, eventos e periódicos científicos, e é importante destacarmos que os meios tecnológicos geram questionamentos e dúvidas, visto que novas formas de produzir documentos foram surgindo, em específico, o documento eletrônico/digital como novo suporte, o que provocou uma crise na arquivologia com muitas pesquisas e discussões sobre os documentos digitais. Reflete também, que o pensamento científico é como algo em processo, ele nunca deixará de evoluir, é fruto de constantes transformações, e neste viés, apresenta algumas abordagens que contemplam o percurso histórico que problematiza o objeto científico da arquivologia.

A primeira abordagem advinda da Austrália, denominada *record continuum* apresenta como objeto científico a informação gerada pelos processos, já a segunda abordagem advém de Portugal, conhecida como pós-custodial que tem como objeto científico a informação social, uma terceira abordagem é canadense denominada arquivística integrada, tendo como objeto a informação orgânica.

Uma outra abordagem de natureza espanhola, refere-se aos estudos sobre tipo documental e arquivística, que consideram como objeto de estudo o arquivo, enquanto um conjunto de documentos de arquivos. Dando continuidade, apresenta a abordagem diplomática, arquivística ou contemporânea, desenvolvida em países como Canadá, Itália e o Brasil, tendo como objeto de estudo os documentos de arquivo. Por fim, esclarece uma abordagem que se considerava moderna denominada de arquivística funcional ou pós-moderna, que apresenta objeto de estudo como a informação gerada pelos processos administrativos e que deveria ser organizada com vistas a recuperar o processo de produção de documentos.

Tendo apresentado estas abordagens que problematizam o objeto científico da arquivologia, a palestrante reflete que todas são resultados de processos históricos e epistemológicos, estando vinculados às mudanças e evoluções na natureza, produção e usos dos registros e documentos. Para concluir sua fala, apresenta questões pertinentes sobre o objeto científico da arquivologia, e neste sentido salienta que podemos ter consensos diversos, com diferentes abordagens, contextos e olhares para o objeto da arquivologia. Ressalta que independente do caminho escolhido teórico ou prático, é preciso considerar alguns elementos importantes, como o fato de

que trabalhamos com documentos ou informações que precisam ser autênticos, que é preciso compreender o contexto de produção de documentos, representar e manter este contexto ao longo do tempo, entendendo este aspecto como predominância da autenticidade.

Outro ponto importante que a palestrante destaca é o objeto científico como registro de ações, pois ao mesmo tempo que registra, ele é o resultado destas ações, e por conseguinte, tem a capacidade de provar tais ações ao olhar o objeto de estudo a partir desses elementos apresentados.

Deste modo, é preciso ressaltarmos a importância destas reflexões abordadas pela palestrante, no que tange aos aspectos característicos do objeto científico da arquivologia, salientamos que esse estudo apresentado por Schmidt, também pode ser indicado para pesquisas na área da arquivologia, objetivando potencializar a natureza, as condições de preservação e o uso dos documentos arquivísticos. Certamente, a reflexão nos possibilita diferentes olhares para o objeto científico, sendo uma grande contribuição para arquivistas, pesquisadores e estudantes. Portanto, percebemos que não é apenas refletido pela palestrante o estudo do conceito, mas a compreensão dos contextos relacionados ao objeto científico.

REFERÊNCIAS

FELIPE, Gregório Goldman Dos Santos. Arquivologia como uma ciência que propicia a informação e o conhecimento. In: **Seminários de saberes arquivísticos (SESA): Interfaces do aprendizado na universidade** [livro eletrônico] Eliete Correia dos Santos, Josemar Henrique de Melo, Claudialyne da Silva Araújo (organizadores). Campina Grande/PB. (Coleção Diálogos Arquivísticos) EDUEPB. 2017. Disponível em : <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15007/1/Semin%a1rio-de-Saberes-Arquiv%adsticos-Interfaces-do-aprendizado-na-Universidade.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2021.

SANTOS, Eliete Correia dos. Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA): convergências e perspectivas. **Archeion Online**, v. 5 p. 02-04, 2017. Disponível em: <https://periodicos3.ufpb.br/index.php/archeion/article/download/37788/19117>. Acesso em: 22 de dez. 2021.

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações**. Tese apresentada ao programa de pós graduação da Universidade de São Paulo (USP); São Paulo/SP, 2012. Disponível em : https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-02072013-170328/publico/ClarissaMSSchmidt_revisada.pdf Acesso em: 22 de dez. de 2021.



WORKSHOP NOÇÕES DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS EM PAPEL

Maria Meriane Vieira Rocha

*Doutora em Ciência da Informação | UFPB
meriane.vieira@gmail.com*

Adelaide Helena Targino Casimiro

*Doutoranda em Ciência da Informação | UFPB
adelaide_helena@hotmail.com*

O Projeto Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA) surgiu da necessidade dos pesquisadores ligados às questões intrínsecas a Arquivologia em promoverem parcerias nacionais e internacionais entre seus membros. Tendo em vista a pandemia provocada pela *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19), todas as interações tiveram que ser feitas em ambiente virtual, onde ocorreram palestras, workshops, mesas-redondas e entrevistas.

O referido workshop aconteceu no laboratório de conservação e preservação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), nos dias 20 e 27 de agosto de 2021, com duração total de quatro horas e foi ministrado pelas professoras Maria Meriane Vieira Rocha e Adelaide Helena Targino Casimiro. As docentes transmitiram diretamente do laboratório, via Google Meet e que posteriormente foi publicado no canal de Youtube do SESA-On-line (ROCHA; CASIMIRO, 2021a¹, 2021b²), uma vez que no momento não comportava aglomeração devido a pandemia da Covid-19.

O Objetivo do workshop foi apresentar conceitos introdutórios que norteiam uma política de preservação, conservação e restauro. Fatores de deterioração dos documentos em papel e breves práticas de conservação em papel.

Partindo do pressuposto que todas as decisões, critérios, procedimentos e

¹ Acesse a gravação em: ROCHA, Maria Meriane Vieira; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino Casimiro. **Noções de Preservação de Acervos em Papel**: Parte 1. In: Projeto SESA ON-LINE. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCzzhSHAaZA>. Acesso em: 27 dez. 2021.

² Acesse a gravação em: ROCHA, Maria Meriane Vieira; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino Casimiro. **Noções de Preservação de Acervos em Papel**: Parte 2. In: Projeto SESA ON-LINE. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hk32FI75Ykq>. Acesso em: 27 dez. 2021.

responsabilidades na e para a execução das atividades devem estar especificadas no documento intitulado 'Política de Preservação e Conservação dos Acervos Arquivístico', percebesse que dentro do contexto de gerenciamento da preservação, Conway (1997, p. 6), destaca que para efetivação das políticas é necessário que se “compreenda todas as políticas, procedimentos e processos que, juntos, evitam a deterioração ulterior do material de que são compostos os objetos, prorrogam a informação que contêm e intensificam sua importância funcional”. Nesse contexto, garantir “o acesso permanente é o objetivo da preservação, sem ele a preservação não tem sentido, exceto como fim em si mesma” (MEMÓRIA DO MUNDO, 2002, p. 17).

Destarte o workshop foi separado em dois momentos em cada um dos dias, onde no primeiro eram apresentados slides com conceitos e exemplos sobre cada um dos pontos abordados, e no segundo foram feitas atividades práticas que tivessem alguma relação com o contexto indicado anteriormente. Também, era estimulado que os presentes fizessem intervenções com questionamentos durante todo o workshop, o que facilitou a dinamização das discussões.

Quanto ao conteúdo das apresentações, no primeiro dia foram trazidas informações sobre:

- As palestrantes, com exposição de itens como formação, instituição a que pertencem e áreas de interesse das docentes;
- Discussão sobre o significado dos termos preservação, conservação e restauração e o que cada um deles implica, na prática, dentro de uma unidade de informação;
- Alguns exemplos de casos de preservação, conservação e restauração mal sucedidos, no Brasil e no mundo, com explicações de como se chegou no caso e quais as possibilidades para as obras do momento em diante;
- Orientações básicas para realização de preservação, conservação e restauração de documentos físicos de forma segura com a utilização de equipamentos específicos para este fim, tais quais: higienizadora, deionizador, mesa de luz, secadora, estufa, máquina obturadora de papel (MOP), armário e capela;
- Listagem dos utensílios básicos para se ter ao fazer preservação, conservação e restauração de documentos físicos em unidades de informação, por exemplo: estilete, lixa, bisturi e suas lâminas, pinça, espátula, pinceis, colas e papéis para

aplicações diversas;

- Exemplos de laboratórios de preservação, conservação e restauração de documentos físicos próximos à UEPB.

Ao término das considerações teóricas, a audiência fez perguntas relacionadas ao tema e dentre elas a de como executar a limpeza de uma fotografia, como não foi possível concluir a demonstração neste dia, na aula seguinte já foi iniciado com a recapitulação desse assunto e descrição verbal e visual de todo o processo, além disto, no segundo dia foram abordados os seguinte assuntos:

- Recomendações de técnicas básicas de preservação, conservação e restauração em documentos físicos, a exemplo da temperatura, luminosidade e umidade indicados, uso de equipamentos fotográficos ao fotografar ou filmar o acervo, e a necessidade do profissional se manter sempre atualizado sobre as tecnologias e técnicas mais indicadas para cada situação;
- Ilustração dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) essenciais para preservação, conservação e restauração de documentos físicos, que são óculos de proteção ou *face shield*, máscara, touca e luva descartáveis, jaleco ou avental de mangas longas e luvas de algodão para manipulação de fotografias;
- A importância de uma planilha de inventário para preservação, conservação e restauração de documentos físicos e a disponibilização de um modelo para *download* livre por todos³;
- Dicas de cursos, leituras e sites que aprofundam a discussão a respeito da preservação, conservação e restauração de documentos físicos.

Em ambos os dias foram feitas práticas, sobretudo, mostrando que não é necessário ter um laboratório na instituição para efetivar algumas ações necessárias para a conservação do acervo. Por exemplo, foi apresentado um tutorial elaborado especialmente para o workshop e de autoria de Marcílio Herculano (Arquivista), onde este dá instruções de como confeccionar uma higienizadora de papelão, levando em consideração os padrões da industrial; foi demonstrado, também, como fazer a retirada segura de grampos e cliques metálicos; a limpeza dos documentos com uso de trinchas macias; higienização de fotografias com resíduos de tecidos, papeis ou colas em seu verso, usando a mistura de metil celulose e água deionizada; o clareamento e refinamento de lombadas de livros utilizando lixas finas; bem como, a

³ Disponível em: <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.15138294>. Acesso em: 27 dez. 2021.



retirada de adesivos plásticos (como a fita durex) de documentos em geral.

Durante os dois dias de workshop estiveram presentes cerca de 60 pessoas, enquanto que as gravações já contam com mais de 150 visualizações. Cada um desses indivíduos é ao mesmo tempo aprendiz e propulsor de estudos sobre a temática, como indicado por Casimiro (2016), é necessário que se construa redes de cooperação entre profissionais e pesquisadores da área de preservação, conservação e restauração documental, pois apenas com o apoio mútuo que será possível fortalecer as pesquisas e a produção do conhecimento na área. Permitirá, ainda, que se apontem as lacunas para novos enfoques que possam contemplar os interesses acadêmicos das instituições de pesquisa em nível nacional e internacional, fazendo que os pesquisadores brasileiro, e por consequência o Brasil, se torne referência na área em outros locais.

A formação continuada por meio de cursos (como o aqui resenhado), trabalhos publicados, participação em eventos relacionados com a temática são pontos cruciais para que a preservação, conservação e restauração de documentos se torne algo discutido pelos pares. Além de que, após os profissionais tomarem pra si a responsabilidade de resguardar e promover a memória de nosso povo, é necessário que este conhecimento seja passado de forma adequada à comunidade em geral. A mudança pode acontecer por meio de atitudes simples, como:

- Não usar fitas plásticas, como durex ou fita crepe, para colar folhas ou remendar lombadas;
- Evitar o uso de cliques e grampos metálicos, quando necessário usar os de plástico ou outro material inerte;
- Sempre que possível utilizar marcadores de páginas em papel ou tecido que não desprenda pigmentos, e não matéria orgânica (como flores, folhas e galhos) ou dobraduras nas folhas do documento;
- Não comer próximo ao acervo para que resquícios não fiquem nos documentos e afetem os documentos no longo prazo como um espaço propício para crescimento de fungos e outras pragas;
- Se necessário for fazer anotações nos documentos, que isto ocorra com lápis grafite, em especial aquele cujo tamanho é 6B ou maior para evitar marcações na fibra do papel permanentemente.

Apenas com profissionais da informação devidamente capacitados e a

população em geral consciente do resultado de suas ações, que será possível tornar a nossa história disponível para aqueles que virão, afinal: Preservar é respeitar o direito de nossos descendentes. É garantir às gerações futuras o conhecimento de sua própria história, só se ama o que se conhece e só se preserva o que se ama (LEMOS, 1991).

REFERÊNCIAS

LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CASIMIRO, Adelaide Helena Targino. **BRAPCI: o panorama da conservação, preservação e restauração de documentos no Brasil**. 2016. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2016.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 1997.

MEMÓRIA DO MUNDO. **Diretrizes para salvaguarda do patrimônio documental**. Paris: UNESCO, 2002. Disponível em: <http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Diretrizes%20para%20a%20salvaguarda%20do%20patrim%C3%B4nio%20documental.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ROCHA, Maria Meriane Vieira; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino Casimiro. **Noções de Preservação de Acervos em Papel**: Parte 1. In: Projeto SESA ONLINE. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCzzhSHAaZA>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ROCHA, Maria Meriane Vieira; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino Casimiro. **Noções de Preservação de Acervos em Papel**: Parte 2. In: Projeto SESA ONLINE. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hk32FI75Ykg>. Acesso em: 27 dez. 2021.

© 2022 UFPB

V.10, n. Especial

Os conteúdos expressos nas contribuições publicadas neste número especial - Resenhas SESA On-Line, bem como a revisão ortográfica e gramatical dos manuscritos, foram de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Archeion Online. Universidade Federal da Paraíba. - Vol. 10, n. Especial
(2022)- . - João Pessoa : Coordenação do Curso de
Arquivologia/UFPB, 2013-

Revista eletrônica de Arquivologia/UFPB - Semestral - V.10., n.
Especial

Editoras: Patrícia Silva ; Ediane Toscano Galdino de Carvalho

ISSN 2318-6186

1. Arquivologia. I. Universidade Federal da Paraíba. II. Coordenação
do Curso de Arquivologia. III. Título.

CDU 930.25

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/archeion>
archeionline@gmail.com

Archeion Online, João Pessoa, v.10, n. Especial, p. 50,
DOI 10.22478/ufpb.2318-6186.2022v10nEspecial.61829

ISSN 2318-6186

